



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p456-490

A LÍNGUA *EM CENA*: O AGENCIAMENTO ENUNCIATIVO NA DANÇA DO CONGO EM VILA BELA – MT¹

THE LANGUAGE *IN SCENE*: THE ENUNCIATIVE AGENCY IN THE CONGO DANCE IN VILA BELA – MT

Weverton Ortiz Fernandes²
 Taisir Mahmudo Karim³

Recebimento do texto: 15/06/2020

Data de aceite: 11/07/2020

RESUMO: Nesta pesquisa, pela Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002^a, 2002^b, 2007, 2011, 2018), objetivamos compreender o agenciamento enunciativo do vilabelense no espaço de enunciação da dança do Congo na cidade de Vila Bela, Mato Grosso. Parte das celebrações da dança, o texto dramaturgic compõe-se pelo emprego das diversas palavras tidas como *africanas*, que se articulam à sintaxe do *português-brasileiro*. No evento festivo, as expressões *encenam* a língua africana em um roteiro repetido anualmente, na ordem da enunciação *ritualizada*. Pela constituição dos dizeres na enunciação ritualizada, perguntamos pelos processos de significação do vilabelense na festa da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dança do Congo; Vila Bela; Língua; Agenciamento Enunciativo; Enunciação.

ABSTRACT: In this research, by the Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2002^a, 2002b, 2007, 2011, 2018), we aim to understand the vilabelense enunciative agency in the enunciation space of the Congo dance in Vila Bela city, Mato Grosso. Part of the dance celebrations, the dramaturgic text is composed by the use of various *unusual* words seen as african, that articulated to the syntax of *brazilian-portuguese*. In the festive event, the expressions *stage* the african language in a script repeated annually, in the order of *ritualized* enunciation. By the constitution of the sayings in the *ritualized* enunciation, we ask for the processes of signification of the vilabelense in the city party.

KEYWORDS: Congo Dance; Vila Bela; Language; Enunciative Agency; Enunciation.

¹ Trabalho de qualificação em área teórica diferente, sob a orientação do Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim. Nossos agradecimentos à banca, Prof. Dr. Eduardo Guimarães, Profa. Dra. Neuza Zattar e Profa. Dra. Rosimar Oliveira, pelas preciosas contribuições ao desenvolvimento da pesquisa.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística – UNEMAT. Bolsista Capes/FAPEMAT. E-mail: wevertonortiz@yahoo.com.br

³ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística – UNEMAT. E-mail: taisir@unemat.br



Introdução

Objetivamos compreender, filiado à Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002^a, 2002^b, 2007, 2011, 2018), o agenciamento enunciativo do falante vilabelense no espaço de enunciação da dança do Congo na cidade de Vila Bela, Mato Grosso. Especificamente, propomos refletir o agenciamento linguístico do festeiro da cidade pelo funcionamento semântico das expressões próprias do diálogo festivo, apresentada na forma de *teatro*, realizada anualmente no centro da cidade.

A proposta da pesquisa se justifica pelo modo como a língua, em seu aspecto formal, entra na ordem da enunciação *ritualizada*, constituindo-se como elemento linguístico de significação do evento festivo. Nesta perspectiva, analisaremos o modo como a articulação dos dizeres em uma estrutura linguística se constitui na ordem da enunciação *ritualizada*. A enunciação ritualizada será compreendida, no material de estudo, pela articulação das palavras específicas, tidas como africanas, ao sistema linguístico do *português-brasileiro*. A partir dessa articulação integrada ao texto da festa resulta em uma divisão desigual entre línguas e falantes nos processos de significação do vilabelense.

As línguas em cena: a dança do congo em Vila Bela – MT

Vila Bela é fruto do processo de colonização empreendido pelo Estado Monárquico português quando, em 1752, ano de sua fundação, passou a desfrutar da condição de capital da Capitania de Mato Grosso,



localidade “mais ocidental” das ações de Portugal, primeira com planejamento urbano do Brasil. Os sentidos latentes à sua significação resultam da política de ampliação do território nacional, estabelecendo novas fronteiras entre Brasil e Bolívia, com o objetivo de extrair os principais recursos minerais existentes nessa região, em especial, o ouro. A mão-de-obra predominante era o trabalho escravo, executado pelos negros oriundos da atual região do Congo, África Central.

Com a transferência da capital para Cuiabá, em 1835, Vila Bela viveu tempos de abandono político-administrativo, e a maioria da população passou a ser composta pelos descendentes dos africanos, os remanescentes da cidade: “Com a transferência da elite branca, que paulatinamente havia começado a se mudar acompanhando a transferência das repartições públicas para Cuiabá em 1820, muitas famílias deixaram seus escravos no local” (CARVALHO, 2011, p. 10).

Ao perder a condição de Capital, derivou-se a nomeação de Vila Bela para Mato Grosso, assim como a relação dos negros com o espaço urbano: “Os ‘negros abandonados’ passam a revelar a própria cultura e construir a cidade de acordo com seus sonhos e ideais. Cresce, assim, uma nova vida às margens do Guaporé” (FACCHINETTO, 2006, p. 2), deslocando-se, assim, sentidos de trabalhadores explorados para as de pessoas livres e de posses: “A terra que, até então, servia de exploração do trabalho escravo pela coroa Portuguesa, passa a ser território de liberdade e posse conjunta” (FACCHINETTO, Idem).

Decorrente dessa nova ordem social e econômica, surgiram várias comunidades quilombolas no entorno da cidade: “Com o abandono de



Villa Bela pelos brancos, os negros construíram inúmeros quilombos nas imediações, com medo de ocupar a cidade e serem pegos desprevenidos numa volta repentina dos brancos” (FACCHINETTO, 2006, p. 3), o que nos leva a supor que a liberdade dos negros nessa região estava ausente de uma alforria à época do Primeiro Império.

Já era comum, desde a sua fundação, celebrações festivas de cunho religioso cristão, praticadas em Vila Bela nos diversos meses do ano: “Já em 1753, houve uma festa concorrida em Vila Bela, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, registrada nos ‘Anais de Vila Bela’, quando da chegada da imagem em um barco vindo das monções do norte, e que provocou muita alegria e devoção” (SILVA, 2008, p. 68). As festividades contavam com a participação dos africanos e seus descendentes, e ao longo do tempo surgiram outras praticadas na atualidade, chamadas de *Festança Vilabelense*. Atualmente, a *Festança* se organiza através de patrocínios dos setores privados e do apoio do Estado, como as do governo de Mato Grosso e do município de Vila Bela, por exemplo.

Cores, cortejo e desfiles ao ritmo das canções alegram o alvorecer, e antes mesmo do Sol nascer, os festeiros enfeitam as ruas da cidade, anunciando o início de mais um dia de festividade: trata-se da dança do Congo. No conjunto com as demais celebrações festivas, aparece em uma data específica do ano, segunda quinzena de julho, no ensejo de simbolizar o início da plantação, colheita e fartura.

Surgida no início do século XIX, a dança do Congo é tradicionalmente conhecida como “teatro a céu aberto”, e se caracteriza, ora, por encenações nas ruas da cidade, com danças e cânticos, auxiliado



por instrumentos musicais como chocalho, ganzá, bumbo e cavaquinho; ora, por apresentar-se em um recinto coberto na praça central, com dramatização de uma batalha entre dois reinos: Reino do Congo e Reino do Bamba, que toma como referente dêitico o continente africano.

O motivo do conflito entre os dois reinos decorre de uma suposta promessa do rei do Congo em ceder a mão de sua filha para o rei do Bamba. O início da trama é marcado pela ordem do rei ao secretário para que verifique quem eram os estranhos presentes em seu recinto e o que desejavam. Após descobrir que tal visita se motivara pelo interesse do rei do Bamba em casar-se com a sua filha, o rei do Congo se sente provocado pela forma como entram em seu recinto para fazer o pedido e declara guerra.

Primeiro, manda prender o mensageiro do Bamba, e a luta é travada entre os “doze pares” de soldados do reino adversário contra o secretário de guerra. Ao final, sob a “bênção” de São Benedito, o padroeiro da festa, o secretário derrota os soldados do Bamba e, com a mesma “bênção”, os soldados derrotados são ressuscitados e prestam reverências ao rei do Congo.

Fazem parte da encenação diversas canções entoadas por um conjunto de participantes, divididos em duas filas, em uma trama que dura, aproximadamente, quarenta minutos. Na sequência, apresentamos o trecho do diálogo, momento em que o rei ordena ao secretário a verificar quem eram os estranhos em seu reino.

_ Olá... olá.. olá... secretário das minhas cedras de coroa...





_ Rei senhor, perdoai por não ouvir vosso grito, o vosso chamado hoje nesse dia.

_ Ora secretário, estava dormindo ou estava acordado?

*_ Rei senhor, não estava dormindo e nem estavas acordado, estavas sarapantando de ver essa buía **emantinada** entrar em vosso reino adentro sem o vosso respeito a vossa coroa.*

_ Secretário de guerra!

_ Hummm!!

*_ Vai me **congiar** que gente são essa. Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai **vur!***

*_ Sim senhor, general, **manopúie se escapanha mancuelo!***

O rei ouve movimentação realizada dentro do seu reinado e convoca o secretário de guerra para investigar novamente os mesmos que estão fazendo esse barulho.

_ Secretário de Guerra!

_ Humm!!

*_ Vai me **congiar** bem que gente são essa. Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai **vur!***

*_ Sim senhor, general, **manopúie se escapanha mancuelo!***

O senhor rei não confiando na resposta do secretário de guerra [o qual sinalizou que eram pessoas de festas], manda novamente verificar de quem eram aqueles barulhos em seu reino.



_ *É contra o meu reino secretário? Vai me **congiar** bem que gente é essa. Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai **vur!***

_ *Sim senhor, general, **manopúie se escapanha mancuelo!***

Justificamos a seleção desse trecho pela variedade das formas linguísticas não recorrentes na língua portuguesa, considerando para a análise o modo como as palavras foram expressas na apresentação. De caráter hereditário, é considerável o interesse dos vilabelenses em participar da dança, porém, o critério para fazer parte da *irmandade*, festeiros com propósitos e vínculos em comum, é bastante criterioso e restrito.

Apresentada no dia 23 de julho de 2018, de domínio público, veiculada no site de uma TV local <https://www.tvcentrooeste.com.br/mais-uma-edicao-da-festa-do-congo-e-realizada-em-vila-bela>, o trecho selecionado é protagonizado por dois personagens representantes do reino do Congo, intercalado pela fala de um narrador, morador local. Do lado oposto estão os representantes do reino do Bamba, integrado por 12 pares de festeiros, reunidos em duas filas, que dançam e cantam diversas canções.

Nessa parte da trama não era de conhecimento do rei e do secretário que os estranhos em seu recinto pertenciam ao reino do Bamba. O rei, na cena, encontra-se sentado distante dos demais festeiros e acompanhado do príncipe *Canjinjin*, figurante da festividade local. Já o secretário dialoga com o rei, movimenta-se em todo o cenário e, dançando,



vai ao encontro dos demais festeiros enfileirados. Esse diálogo, na forma de prosa, é uma parte que se conjuga com outros dizeres cantados, dançados, ao som dos batuques e chocalhos.

Assistem à apresentação os moradores da cidade, turistas, fotógrafos, imprensa e pesquisadores de diversas partes do Brasil. Em sua maioria, ocupam as arquibancadas que cercam o rodeio festivo. No interior da dança são empregados termos arcaicos da língua portuguesa (vossa / estavas / sarapantando / buía); eruditas (perdoai / estavas); não explicitada nessa apresentação a forma de palavras “coloquiais”; e presente as expressões inexistentes do português falado no Brasil, tidas na festa como *africanizadas*: *emantinada*, *vur*, *congiar* e *manopúie se escapanha mancuelo*.

Essas expressões em destaque são próprias da festa vilabelense, cujas formas não são recorrentes no falar dos moradores da cidade. Como salientamos, o diálogo funciona na forma de teatro, conjugado por diferentes relações entre as formas linguísticas – arcaicas, eruditas e *africanas* – remetente a disputas entre reinos no continente africano. Com os sentidos de *africanidade* referentes ao enredo da festa, o diálogo se caracteriza por ares de uma *trama festiva*, e encena o espaço africano em terras vilabelenses.

O papel do narrador ao longo do festejo é determinante para a significação do texto: contextualiza a dramatização da dança. Em sua primeira fala, visa a situar o expectador ao enredo da festa; na segunda, realça os sentidos de intuição do rei que não confiou na resposta dada pelo secretário.



Tem-se o registro da primeira dança do Congo em Pernambuco (SILVA, 2008), também denominada de Congada, que significa dançar, e está associada aos negros vindos da África Central: Congo, Moçambique, Mina, Angola, entre outras. As Congadas possuem características similares, com desfiles teatrais, ritmos que aludem aos do africano, sempre associadas às festas religiosas: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia. Assim como em Vila Bela, em diversas partes do Brasil, principalmente em Minas Gerais e São Paulo, as apresentações apresentam termos referentes a língua africana.

Além de Vila Bela, em Mato Grosso, a dança do Congo é apresentada em Nossa Senhora do Livramento, o qual repete os mesmos gestos da festa realizada na antiga capital, com procissão pelas ruas e integrantes divididos em duas filas. Utilizam vestimentas coloridas, dançam ao ritmo de várias canções, encenam uma trama com dois reinos em disputa, o Rei Monarca e o Rei do Congo, associada à festa de São Benedito (LOUREIRO, 2006, p. 81). Porém, nesta cidade, o rei do Congo é o antagonista que, ao ser derrotado, implora pela paz.

Alguns dos termos selecionados para a análise foram objetos de pesquisa empreendido por José Leonildo Lima (2000), filiado à Sociolinguística Variacionista. Sobre o emprego de *congiar*, diz o pesquisador (2000, p. 125):

Na frase *É contra o meu reino, Secretário? Então vai me congiar que gente são essa* temos a ocorrência de uma palavra africana funcionando na língua portuguesa: *congiar*. Embora não tenhamos esse verbete registrado nos nossos dicionários, o encontramos funcionando no texto. O termo,



de origem banto, significa *vigiar*. Ao lermos a frase acima onde a palavra está empregada, é possível a compreensão da frase mesmo sem sabermos o significado dicionarizado do verbete em questão. Temos, então, um exemplo muito claro de um africanismo que, mesmo não estando em funcionamento na língua portuguesa, nós depreendemos o significado da frase sem nenhum truncamento.

Vemos que *congiar* é definido na pesquisa como um africanismo, com o sentido de *vigiar*, ressaltado pelo próprio como verbete não registrado em dicionários e fora do funcionamento da língua portuguesa. Considerando a origem dessa pronúncia, vemos nessa forma sua correspondência à língua latina, conforme a fonte: books.google.com.br/books⁴.

CONGIAR.II.DAT.PO. Congiarium Secundum Datum Populo. In Neronis Nummis.

CONGIAR.PRIM.P.R.DAT. Congiarium Primum Populo Romano Datum. In Titi Imp. Nummis, vbi figura, fedens cum tribos alijs.

Ou seja, compreendemos *congiar* derivada do português *congiário* que, por sua vez, deriva do latim *congiarium*, conforme as consultas, diversas significações implicam para essa forma: vaso contendo cõgio; medida usual do óleo e do vinho na Roma Antiga; doações liberais ao povo; pensão ou presente a pessoas de alto calão, com variações das formas em *congiari*, *congiaria* e *congiarium*. No caso de *vur*, as conotações são outras:

⁴ Nossos agradecimentos a Elisandra Szubris e Solange Veloso, do Grupo de Pesquisa Mato Grosso: falares e modo de dizer – UNEMAT, liderado pelo Prof. Dr. Taisir Mahamudo Karim.



Independente de não termos até o momento o registro do significado etimológico do termo, pelo contexto em que as duas palavras estão funcionando, podemos depreender o significado acima dado pelos vila-belenses, sem prejuízo da compreensão do texto. É uma expressão que funciona como ordem, tendo em vista o início do diálogo do Rei: *Então vai me congiar que gente são essas*. Então, *vai vur* é a demonstração de ordem dada pelo Rei (LIMA, 2000, p. 126).

Lima considera este termo de étimo desconhecido e sem entrada em dicionários. Ressaltamos a forma linguística dessa palavra com suas respectivas origens:

Vur = *ver* / *videre* (Latim);

Ou seja, *vur*, uma forma ausente, deriva de *ver*, com sentidos de verificar algo. Já em *ematinada*, Lima não trata sobre sua significação de modo específico, porém, o pesquisador observa o conjunto dos dizeres em que essa palavra aparece:

Rei senhor! Eu num tava dormindo nem acordado, eu tava era sarapantado de ver essa buía ematinada entrar no seu reinado adentro sem respeito a vossa coroa. Aqui temos a manifestação linguística que foi muito comum também entre os negros escravos, quando do aprendizado da língua da “nova terra”. No aprendizado da língua portuguesa, muitos fenômenos linguísticos ocorreram, tanto nos aspectos fonéticos/fonológicos como na morfologia e na sintaxe (LIMA, 2000, p. 124 / 125).

Composto por expressões arcaicas e eruditas: *sarapantando*, *buía*, *vossa*, segundo Lima, o emprego dessas expressões se deve ao aprendizado dos negros no português do século XVIII. Já a origem de



emantinada é desconhecida, assim como *manopúie se escapanha mancuelo*, com formas não dicionarizadas na língua portuguesa.

Lima compreende essas diferentes formas empregadas na celebração festiva de variação linguística. Sobre o registro etimológico, Margarida Petter (2001, p. 233) em *Africanismo no português do Brasil*, trata da grande quantidade de termos de origem africana sem a explicitação do seu étimo.

A grande quantidade de termos considerados provenientes de línguas africanas sem étimo determinado pelo DAB [Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese] pouco acrescenta ao reconhecimento dos africanismos, pois não se conhecem os critérios que sugeriram tal associação. A mesma pergunta se faz também aos autores do NDA e do DENF: o que os levou a levantar a hipótese de uma possível ou provável origem africana para tantos termos? A sonoridade do vocábulo, seu significado, seu uso?

Segundo Petter (2001), nem sempre os aspectos sonoros podem responder de modo contundente aos indícios originários de uma determinada língua, no caso em questão, a língua africana. Em seus estudos, a pesquisadora ressalta a história dos negros no Brasil: assim que chegavam, eram misturados com os demais de diferentes línguas e etnias para não se comunicarem na língua materna, e assim aprendiam a falar a língua portuguesa.

Ao tratar sobre as variações e o étimo no funcionamento da língua, Guimarães nos apresenta questões pertinentes sobre o assunto. Para o autor (2002^b, p. 21), a variação cede lugar para a identificação linguística no espaço de enunciação: “Para mim uma língua é dividida, de tal modo



que ela é uma e é diferente disso. E esta divisão diz respeito exatamente à relação dos falantes com a língua, de tal modo que os falantes se identificam exatamente por essa divisão”.

A identificação do falante pela língua não se limita pela intenção daquilo que se deseja dizer, dito de um determinado modo em uma situação, dito de outro em outra situação, mas pelo modo como o falante se identifica / é identificado expressa em “x”, de um lado, configurado por “y”, de outro. Quanto ao étimo, salienta o autor (2018, p. 18):

Nesta medida me parece decisiva a posição de Bréal (1987) que, ao formular a semântica, mostra como o sentido se produz pelo afastamento do étimo, na medida em que as palavras se separam de sua origem, e ao mesmo tempo, nos estudos dos mitos (Bréal, 1864) nos leva a pensar, tal como já formulei em Guimarães (1998, p.89), “que o que faz uma forma da língua significar são suas relações com a história dos textos em que aparece”.

Fundamentado em Bréal (1987), Guimarães compreende a significação afastada do étimo e relacionada “com a história dos textos em que aparece”. Nessa direção, visamos o funcionamento semântico dos termos em destaque na celebração festiva não preso a forma e nem ao étimo, mas do étimo e da forma estruturada no acontecimento da festa. Pela articulação dos dizeres desconhecidos dos falantes com a estrutura da língua, supomos o agenciamento das figuras enunciativas, configuradas no espaço de enunciação.



Semântica do acontecimento: fundamentos para a análise

Segundo Guimarães (2018, p. 65), o espaço de enunciação resulta de uma relação conflituosa e desigual entre línguas e falantes, o qual não há língua sem línguas, línguas sem falantes, e nem falantes sem línguas. A noção de língua é o do acontecimento enunciativo, e Guimarães (2018, p. 24) a define “pelo conjunto sistemático de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente”, no acontecimento que agencia aquele que enuncia.

Pelo agenciamento político do falante que a cena enunciativa se constitui, caracterizado pelas relações das diferentes figuras enunciativa: eu / tu; Locutor / Locutário; alocutor x / alocutário x; e a de enunciadores que, conforme Guimarães (2018), constituídos pela relação do falante com a língua, o *enunciador* se configura pelo modo como os dizeres aparecem designados e referidos; o Locutor e o alocutor se representam pela relação do falante tomado por um sistema da língua, no primeiro; e pela relação dos *lugares sociais* caracterizados pelo enunciado, no segundo.

O Locutor, o alocutor e o enunciador se correlacionam (GUIMARÃES, 2018, p. 62), como também se correlacionam os lugares dos enunciadores, definidos como enunciador individual, coletivo, genérico e universal. A correlação entre o *lugar social de dizer* (alocutor) com o *lugar que diz* (Locutor) e o *lugar de dizer* (enunciador) pode se dar no enunciado por meio da apresentação – quando um *lugar* apresenta outro *lugar* –, ou por alusão – quando um *lugar* indiretamente faz significar outro *lugar*.



Essas correlações, tratadas nas pesquisas de Guimarães (2018), podem ocorrer de variados modos, do Locutor correlacionado com o alocutário; do alocutário correlacionado com o enunciador, em conformidade com o agenciamento do falante no acontecimento enunciativo. Os dizeres se abrem para as relações entre aquele que diz, as línguas e falantes, e o modo como se diz numa alocução, tomadas na enunciação de um texto.

A unidade de um texto funciona reportada por outros textos – pela pluralidade – distantes da dedução e indução do analista, e se caracteriza pela integração e não por uma somatória de enunciados. Os enunciados, por sua vez, configuram dois procedimentos pilares de relações, definidos por Guimarães (2018) de reescrituração e articulação. Essas relações se complementam, e a primeira se caracteriza pela *independência relativa* no acontecimento da enunciação; e a segunda pela *consistência interna* entre as palavras e os constituintes.

A reescrituração, segundo o autor (2018, p. 85), visa a compreender os sentidos em um elemento já dito em seus variados modos e, conforme o próprio define, a repetição, elipse, expansão e condensação representam as diversas formas desse procedimento. Na articulação, o procedimento se desenvolve de outra maneira: a relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas se caracteriza pela *consistência interna*, e não por uma relação limitada ao aspecto segmental da língua. As relações linguísticas configuradas em suas diferentes formas resultam no que Guimarães compreende de diversas modalidades: predicação, caracterização, complementação e determinante com o determinado.





Ainda, o pesquisador (2018) considera nos processos de articulação a coordenação, dependência e incidência. Na primeira, são conjuntos de constituintes, compreendidos de enunciado, que formam outro enunciado; na segunda, por elementos dependentes um do outro que se unem e formam um enunciado; e na terceira, um enunciado que incide sobre outro enunciado e o texto em que aparece, constituído pela enunciação, que também incide sobre outra enunciação.

Os diferentes modos de reescrituração e articulação vão além de um aspecto relacional/suprasegmental entre termos: ultrapassam as relações da linearidade e se correlacionam em diferentes pontos do texto, designada por Guimarães de relações *transversais*. Os termos funcionam agenciados no texto determinados pela enunciação, o acontecimento enunciativo. A regularidade dos enunciados tomada na enunciação constitui as distintas temporalidades, como o passado (memorável), o presente e o futuro (futuridade).

No estudo semântico do enunciado, dos dizeres, das palavras, os métodos de análise compreendem a descrição dos elementos linguísticos integrados ao texto, o que configura esse procedimento de descrição/análise (GUIMARÃES, 2018, p. 42): leva-se em conta no enunciado a estrutura da língua tomada na enunciação.

Esse procedimento quebra com uma interpretação literal e transparente dos processos de significação das palavras; não se depreende o funcionamento dos sentidos preso às categorizações gramaticais, limitada à homogeneidade na estrutura da língua. Opõe-se aos princípios



psicologizantes, atos, intenções: é o acontecimento enunciativo que agencia as línguas e os falantes.

Consideraremos o espaço de enunciação na dança do Congo pelas figuras enunciativas (alocutores e enunciadore)s articulados ao texto da dança. Tomando o diálogo da festa como acontecimento sempre repetido de um texto, “[...] que articula um conjunto de enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p. 40), ressaltamos que os enunciados são sempre repetidos do mesmo texto, o qual Guimarães (2011) denomina de acontecimento *ritualizado*. É um acontecimento que se renova a cada vez que se enuncia. Leva-se em conta o agenciamento linguístico do falante, o qual por esse agenciamento Guimarães compreende, em um texto sempre repetido, do mesmo modo, de *cena ritualizada*.

Referente a dança do Congo, propomos pensar a cena enunciativa pelo modo como o evento festivo está programado para ser executado: os personagens dizem e encenam conforme o roteiro estabelecido. E nessa encenação, as articulações entre os termos não recorrentes na língua portuguesa com a sintaxe de uma língua, o qual nos instiga a refletir o modo como, pela apresentação teatral, os sentidos se constituem e funcionam nas palavras.

Essa relação visa a superar a significação dos dizeres, da língua, não mais limitada às questões formais, descontextualizada. Considerar pela cena da festa o funcionamento linguístico *ritualizado* supomos o agenciamento enunciativo do falante pela língua posta em funcionamento na celebração festiva.



Sobre o *ritual* na festa, sustentamos a seguinte ideia: as articulações linguísticas configuradas por uma relação desigual entre línguas e falantes no acontecimento da dança do Congo. Logo, perguntamos: como compreender o funcionamento dos dizeres sem entrada no léxico da língua portuguesa articulados ao sistema linguístico do diálogo? Em que medida os dizeres da festa ultrapassam os limites entre o “eu” que diz e o “outro” que escuta? De que modo, no espaço de enunciação da festividade da cidade, o agenciamento enunciativo do falante configura um *ritual* de significações para o vilabelense?

Em cena, línguas e falantes: a dança do Congo pela enunciação ritualizada

Estabelecido no roteiro da festa o conflito entre o reino do Congo e o reino do Bamba, tendo como espaço político da trama o continente africano, é pelo lugar de dizer do reinado do Congo, na voz do alocutor-rei, que *vai me congiar que gente são essa* é empregado, em um momento da cena que ainda não se sabe quem eram os estranhos presentes neste reino. Observa-se que o elemento *congiar* está articulado à estrutura do texto, como se não fosse estranho ao sistema que se encontra. Podemos observar que esse dizer configura-se dividido em dois: *que gente são essa / vai me congiar*, sendo esta predicado do sujeito *você* (ausente), atribuindo uma ordem, com sentido de *vai olhar para mim / vai averiguar para mim*, e, aquela, o pronome *essa* reescritura *gente* para significar uma pergunta, com significado referente a *que pessoas são essas*.





Tanto *são essa* quanto *vai me congiar* funcionam pela relação com *gente* e *você*, respectivamente, e cada qual constrói sua unidade sintático-semântica que, juntas, formam outra maior, um enunciado, constituindo-se pelo sentido de pergunta e de ordem. Ligados um ao outro pelo *que* (conjunção integrante), correlacionam-se com *se for de festa, grita festa, mas em festa. Se for de guerra, comanda guerra, mas em guerra. Vai vur!*, para significar sentidos de “olhar quem são os estranhos”, constituindo nesse enunciado o alocutor-rei, que instala, pela relação de alocução aí estabelecida, um alocutário, o alocutário-secretário.

No trecho do diálogo selecionado, *congiar* correlaciona-se ao *emantinada, vur* e *manopúie se escapanha mancuelo*, representadas na trama de língua *africana*, ocupando uma posição central na significação do (s) enunciado (s) em que aparece: ausente, comprometeria a construção desses constituintes; substituídos, como na paráfrase *vai me descobrir que gente são essas*, por exemplo. Textualiza-se enquanto língua *africana* articulada ao sistema da língua portuguesa, constituindo o *espaço de enunciação*, a divisão entre línguas e falantes (*africano* e *português*) na festa do Congo.

Essas relações de substituições apontam *congiar* análogo a classe dos verbos da língua portuguesa, caracterizada pela desinência terminada em “ar”: *vai me averiguar/vai me olhar/vai me congiar que gente são essa*. Relacionado ao pronome *me*, *congiar* funciona por dois modos: pelos sentidos do enunciado; pela alocução em uma enunciação.

Ao articular-se com *congiar*, o *me* caracteriza sentidos de “olhar para o rei” ou, na voz do personagem que diz, “olhar para mim”. Pela



alocução, significa o “eu” [o rei] que diz para o outro “eu digo para você olhar alguém para mim”, funcionando como uma autoridade soberana. Assim, enquanto personagem de uma trama que o *lugar social de dizer* se constitui, o de alocutor-rei, que implanta em seu dizer o outro, o alocutário-secretário, caracterizado nos empregos de *secretário de guerra / vai me congiar / vai vur*.

E essa alocução se mantém em *Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai vur!*, com a presença de um dizer incomum: *vur*. Configuram-se por uma aliteração (V – V), remetente ao aspecto sonoro da apresentação oral, teatral. A expressão *vur* funciona dependente de *vai* que, por sua vez, está predicado pelo pronome *você* (ausente), produzindo o sentido de *vai ver*. A palavra *vur* apresenta uma peculiaridade: a desinência terminada em *ur* não se caracteriza pelas tradicionais definições verbais no infinitivo da língua portuguesa, com terminações em *ar*, *er* e *ir*, mas vale-se desses paradigmas para se constituir no infinitivo.

A ausência de *você* em *vai me congiar / vai vur* também atesta a relação de alocução – alocutor-rei / alocutário-secretário –, aproximando-se do português *coloquial: você vai*. O verbo *vai*, neste caso, pressupõe o pronome *você* no momento em que o rei se refere ao secretário. A relação de alocução se caracteriza no sistema linguístico e, pela regularidade desse sistema que o verbo *vai* conjuga-se com o pronome *você*, e não com um outro pronome de segunda pessoa, o *tu*, por exemplo, que entra na regularidade do dizer *tu vais*.



Assim, pela regularidade da língua na alocução estabelecida em *vai me congiar / vai vur* que compreendemos *vai* relacionado ao pronome *você*, forma ausente, agenciada na língua portuguesa, configurando um falante no espaço de enunciação não do português erudito ou, genericamente, da língua portuguesa apenas, mas, especificamente, do *português-brasileiro*, a língua falada no Brasil. Ou seja, mesmo os dizeres do diálogo em sua maioria sustentado por um aspecto linguístico próximo do português padrão, arcaico ou erudito, nesse momento, a questão *coloquial* conjuga-se com os termos tidos como africanos, empregados no diálogo da festa do Congo.

Do pronome *me* articulado a expressão *congiar*, o autoritarismo de um “eu” se marca em todos os constituintes, pela ordem expressa em *se for de festa / comanda festa* (ordem de um “eu”) / *mas em festa* (ordem determinada por um “eu”) que, composta por estruturas repetidas, mas com palavras diferentes: *se for de guerra / grita guerra* (ordem de um “eu”) / *mas em guerra* (ordem determinada por um “eu”), configura o lugar soberano do rei no enunciado. E por esse lugar implanta o outro, o secretário, na condição de subalterno, que deve descobrir se os estranhos, os do reinado Bamba, fazem-se presentes com o intuito festar ou guerrear.

O emprego do *mas* pelo lugar social de dizer do rei nos sugere a seguinte reflexão: *acompanha festa e guerra*, especifica o que o secretário deve fazer, sem outras possibilidades de fazer e executar algo que não seja a estipulada pelo alocutor-rei. Assim, o *mas* com *festa/guerra* funciona referente a significação expressa em *congiar / vur* e, no diálogo, constitui-se com sentidos de especificar algo, olhar alguém, ação a ser executada



pelo alocutário-secretário. O emprego do *mas* vale-se mais como especificador de olhar, verificar algo do que pela tradicional categorização gramatical de adversativo.

O conjunto de dizeres articulados entre si: *vai me congiar que gente são essa / se for de festa / comanda festa / mas em festa / se for de guerra / grita guerra / mas em guerra* incide na significação de *vai vur*, paráfrase de *vai ver*. Ou seja, *vur*, articulado com os dizeres que o antecede, funciona como um modo específico de verificar o que os estranhos no reino desejavam. Sinônimo de *congiar*, empregados por um *lugar social de dizer* “soberano”, os sentidos de *vur* representa “um modo de verificar algo”; já *congiar* significa “verificar algo” para um “eu” que se diz no enunciado.

E esses dizeres caracterizam temporalidades específicas: havia um reino, soberano, o do Congo, com a presença de pessoas estranhas, significadas nas ordens do alocutor-rei ao alocutário-secretário; pelo presente, o alocutor-rei tem como objetivo descobrir quem eram as pessoas estranhas; pela futuridade, com o intuito de entender o que aquelas pessoas estranhas desejavam em um espaço alheio.

Pela expressão de ordem em: *vai me congiar que gente são essa / vai vur* configura-se na trama como inquestionável. Institui uma divisão entre aquele que ordena e outro que obedece, do soberano ao subordinado. Pelo “eu” que se diz no enunciado, sua voz vale para qualquer súdito. Autoridade absoluta, constitui-se em enunciador universal.

E como parte de uma teatralidade o termo *congiar* é repetida, sucessivamente, mais duas vezes, acompanhado por distintos elementos



linguísticos. Logo, perguntamos: como *congiar* se significa nas repetições dos dizeres? No primeiro, vemos que:

E₂ - Vai me congiar bem que gente são essa. Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai vur!!

Há o elemento *bem*, na forma de advérbio, articulado com *congiar*. Por essa articulação, produz sentidos de que o alocutário-secretário deve fazer a observação com maior precisão. Já no enunciado 3:

E₃ - É contra o meu reino secretário? Vai me congiar bem que gente é essa. Se for de festa, comanda festa, mas em festa. E se for de guerra, grita guerra, mas em guerra. Vai vur!

Faz-se presente o emprego de uma pergunta referente a resposta dada pelo secretário. Essa pergunta aparece procedida à fala do narrador: *O senhor rei não confiando na resposta do secretário de guerra, manda novamente verificar de quem eram aqueles barulhos em seu reino*; e funciona como uma forma de contextualizar a festa para o expectador, que incide sobre a pergunta em questão.

Ausente a fala do narrador, a textualização da pergunta feita pelo alocutor-rei não se constituiria do mesmo modo. Por remeter aos sentidos de que o secretário não executou as tarefas ordenadas pelo rei, a pergunta não se marca por uma neutralidade ou pelo intuito de descobrir algo que não se sabe, mas reforça os sentidos de que o secretário não cumpriu com as tarefas ordenadas pelo rei.



Além disso, reforça sentidos de hierarquia, e ao secretário não resta muitas opções a não ser o de atender aos pedidos do rei, ou ir contra as suas ordens, conforme o enunciado: *É contra o meu reino secretário*; que incide em outro enunciado: *vai me congiar bem que gente é essa*. Este enunciado conta com a presença do termo *bem* articulado com *congiar*, e a palavra *gente* é reescriturada por *essa*, agora, pelo verbo de ligação no singular.

A diferença entre *que gente são essa* e *que gente é essa* não se limita ao problema de concordância em número, mas, por constituir-se decorrente de outros dois enunciados, ao mesmo tempo relacionados, com sentidos de que o secretário deve realizar com precisão as tarefas ordenadas pelo rei.

Se, no enunciado *vai me congiar que gente são essa* (E₁) produz sentidos de ordem atrelada ao objetivo do rei em descobrir quem eram os estranhos, e o que desejavam ao ocupar um espaço alheio; no 2 acresce a esse fato a intensificação dos sentidos de olhar algo, pelo uso do advérbio *bem*; e, no 3, acresce, em relação ao 2 e ao 1, uma pergunta e, com ela, os sentidos de desconfiança do alocutor-rei ao alocutário-secretário.

Um enunciado se configura de determinado modo pela relação estabelecida com o anterior. Assim, as mesmas significações se mantêm em *congiar*, que é a de olhar algo; porém, os acréscimos dos elementos representam os deslocamentos de significação no acontecimento da trama, o qual os sentidos de algo a ser verificado é intensificado em um; e os sentidos de desconfiança sobre a resposta daquilo que o secretário alega que verificou, em outro. Essas repetições apontam o funcionamento de



congiar, um termo inexistente em dicionários e ausente no falar do vilabelense, correlacionado ao sistema linguístico presente no texto da festa do Congo, o da língua portuguesa. Entra na ordem regular dessa língua.

Decorrente desses enunciados, temos outros três: *sim senhor*, *general*, *manopúie se escapanha mancuelo*. Diferentemente do anterior, repetem sem que haja acréscimo de dizeres ou alterações em sua forma, constituem-se como satisfação ao enunciado *vai me congiar que gente são essa*, e aponta para os sentidos de obediência às ordens do rei em verificar quem são, até então, os estranhos presentes em seu reino; no segundo ao *E2* pela insistência do rei; e no terceiro ao *E3* relativo a desconfiança do rei com o secretário.

Pela relação subalterna estabelecida com o rei que o lugar *social* do personagem se configura em alocutor-secretário. O dizer *manopúie se escapanha mancuelo* se textualiza, no acontecimento da festa, em língua africana. E aparece precedido pelos dizeres *sim senhor*, *general*, ausentes de verbos, caracterizados por um nome que invoca e indica alguém na alocação, o vocativo *general*. Já *sim senhor* refere-se ao rei por sentidos de cortesia e respeito. Temos uma formação nominal construída por dois enunciados, o segundo (*general*) no vocativo, e o primeiro no afirmativo (*sim senhor*), que implanta no dizer do alocutor-secretário o alocutário-rei.

Por esse lugar subalterno que *manopúie se escapanha mancuelo* é enunciado. Quanto a sua combinatória, os seus aspectos sonoros podem ser compreendidos pela divisão em *ma-no-púie / se / es-ca-pa-nha / man-cue-lo*. Textualizada na trama de língua africana, constituem-se nos



paradigmas da língua portuguesa, centrada em duas palavras, *se + escapanh(a)*. A primeira está representada por um pronome e a segunda pela classe dos verbos, pela desinência verbal no modo indicativo do presente, similar a *banhar/banha; arranhar/arranha*, em uma estrutura do português-brasileiro: *Maria se banha sozinha / Genuíno se arranha todo / manopúie se escapanha mancuelo*.

Assim, *escapanha* se constitui como um verbo pela desinência temporal e de modo próprio da língua portuguesa. Por essa relação, o pronome *se* está na condição de complemento do verbo: *manopúie se escapanha / Maria se banha / Genuíno se arranha*. Já *manopúie* e *mancuelo* não apresentam desinências que as caracterizam como verbo, o que nos indica, pela articulação com *se escapanha*, a configuração no paradigma de nome, no primeiro: *manopúie se escapanha / Maria se banha / Genuíno se arranha*; e de adjetivo, no segundo: *escapanha mancuelo / banha sozinha / arranha todo*.

Dos aspectos morfológicos em *manopúie se escapanha mancuelo* vemos a constituição de uma sintaxe da língua portuguesa: SUJEITO – VERBO – COMPLEMENTO, com *mancuelo* ocupando o papel de predicativo de *manopúie*. Assim, esse dizer desenha a estrutura sintática da língua, a mesma que agencia o falante que a emprega. Ou seja, o festeiro da dança do Congo ao encenar a língua de sua tradição, a africana, o faz agenciado na língua portuguesa. Pelas articulações *dependentes* entre si: *manopúie* (nome) / *se* (pronome reflexivo) / *escapanha* (verbo) / *mancuelo* (adjetivo) constitui a sua unidade sintático-semântica.



Mesmo sem uma tradução e não dicionarizados, correlacionados com *sim senhor, general*, produz sentidos de afirmação do “eu” que diz para o outro que irá cumprir as ordens e descobrir quem são os estranhos presentes no reino. Esses sentidos não se limitam à referência direta da palavra com a coisa no mundo, e tampouco pela categorização gramatical das palavras, mas em uma fórmula de dizer, teatral, estruturada no acontecimento do texto. A relação direta palavra/sentido desloca-se, então, para a relação palavra/enunciação.

Também, pelo lugar subalterno do alocutor-secretário, o dizer: *Rei senhor, não estava dormindo e nem estavas acordado, estavas sarapantando de ver essa buía emantinada em vosso reino adentro sem o vosso respeito a vossa coroa*, compõe-se de palavras arcaicas: *buía / vosso (a)*; eruditas: *estavas / sarapantando*; *estranhas* ou *africana*: *emantinada*. Em *estavas*, forma verbal de segunda pessoa, faz referência ao pronome pessoal da primeira pessoa, o “eu”, para referir-se a “mim mesmo”, nos enunciados articulados na forma de blocos: *rei senhor / não estava dormindo / nem estavas acordado / estavas sarapantando de ver essa buía emantinada / em vosso reino adentro / sem o vosso respeito / vossa coroa*. Esses enunciados coordenam-se entre si para significar sentidos de satisfação àquele que o chama.

Vemos que esses dizeres recortam lugares enunciativos do português arcaico, erudito, em uma estrutura composta por um elemento linguístico não dicionarizado: *emantinada*, o que nos sugere a manutenção das formas e de suas supostas variantes ao longo da história da festa. Em *estavas sarapantando de ver essa buía emantinada* pode ser parafraseada



com os mesmos sentidos de *estava pasmo de ver essa barulheira danada*, conforme *sarapantando* remeter a “pasmarse”; *buía a barulho*. É pelo sentido de cada palavra que, relacionadas, depreendemos *emantizada* na forma “coloquial” de *danada*, adquire sentidos de “incômodo”, para caracterizar os sentidos de “buía”.

Pelo lugar social de dizer do alocutor-secretário, as temporalidades específicas de um passado se constitui, a de que havia um local composto por pessoas desconhecidas e barulhentas localizada no continente africano; pelo presente, o de agir, fazer algo, cumprir com as ordens recebidas e descobrir quem eram os estranhos no reino do Congo; e pela futuridade: sair pelo recinto e desvendar o interesse daqueles que se fazem presentes e, posteriormente, dizer ao rei o que desejavam.

Se, na expressão de ordem do alocutor-rei uma voz autoritária se institui na trama, com o mesmo valor para qualquer súdito, configurando-se em enunciador universal, de outro modo, pelo “eu” que diz em *Rei senhor, não estava dormindo e nem estavas acordado, estavas sarapantando de ver essa buía emantizada entrar em vosso reino adentro sem o vosso respeito a vossa coroa / Sim senhor, general, manopúie se escapinha mancuelo!*, representa, por esses dizeres, um lugar subalterno, específico de um “eu” que se diz na trama. Relacionado com o outro, o rei, o alocutor-secretário alude ao enunciador individual.

Os integrantes do reino do Bamba, ainda não reconhecidos na trama, são referenciados pelos dizeres do rei e do secretário, tendo como espaço de significação o continente africano. Essas relações caracterizadas no diálogo, consonantes às formas linguísticas não recorrentes no sistema



da língua portuguesa, mas estruturada nessa mesma língua, configura o memorável da língua africana no acontecimento *ritualizado* da festa.

Ou seja, integrados ao texto do teatro festivo, esses elementos linguísticos representam a continuidade de uma língua falada pelos antepassados do vilabelense, não preso às formas e delimitações entre uma língua e outra: as palavras *sem entrada no sistema linguístico* adquirem sua consistência interna articuladas ao sistema linguístico falado pelos vilabelenses, o *português-brasileiro*. Por essa relação ressignifica, então, a língua africana, pelo modo como esses elementos se constituem na enunciação ritualizada da festa.

Assim, as formas dessas palavras, no acontecimento, configuram os *lugares sociais* de dizer, por uma relação conflitante e desigual: os dizeres do alocutor-rei e do alocutor-secretário estão sob o domínio da língua portuguesa, que alude ao alocutor-africano, configurando a cena enunciativa do texto *ritualizado*. A língua africana vai se constituir, então, não mais pelo dialeto banto, mas nas formas ora derivadas do latim, *congiar*, *vur*, ora de etimologia desconhecida, como *manopúie se escapanha mancuelo / emantinada*.

Dito de outro modo, a língua africana constitui-se no texto *ritualizado* sob os domínios da língua portuguesa, em uma trama que encena as línguas e os falantes – brasileiro e africanos –, o qual essa relação não altera a sintaxe do *português-brasileiro*. A dramatização entra na ordem da enunciação *ritualizada*, com vistas a atualizar a ancestralidade do vilabelense, seus antepassados vindos da África: o agenciamento enunciativo do falante em língua portuguesa, na trama da



feira, constitui os *lugares sociais* de dizer, e significa, ao mesmo tempo, a identidade dividida do vilabelense.

Assim, cada vez encenada, *congiar / vur / manopúie se escapanha mancuelo / emantinada* reportam a enunciados de outras enunciações (enunicação ritualizada – enunicação em língua portuguesa – enunicação em língua africana): atualizam os sentidos de língua africana não limitadas a uma sequência de dizeres, de interação entre os falantes, ou dos falantes com as palavras, tradicional definição do diálogo, mas configuradas em uma fórmula de dizer agenciadas no sistema da língua portuguesa.

Em detrimento das formas não recorrentes na língua, essas expressões passam a se configurar como neologismo da língua portuguesa (GUIMARÃES, 2018, p. 19) decorrentes da relação desses termos com as práticas linguísticas já existentes. Ou seja, *congiar* e *vur* apresentam-se análogos a classe dos verbos no infinitivo, aos paradigmas de *averiguar* e *ver*, respectivamente. Já *manopúie se escapanha mancuelo* e *emantinada* relacionam-se às classes de palavras, como *nome*, *pronome*, *verbo* e *adjetivo*, no primeiro; e *adjetivo*, no segundo.

Por esses dizeres, compreendemos os termos em destaque estruturados e significados pela língua portuguesa, que alude no acontecimento da festa à língua africana, inscrita na ordem da enunicação *ritualizada*. Dito de outro modo, a significação dessas palavras não funciona estanques entre uma língua e outra, mas de uma língua articulada à outra, ou seja, uma língua que alude a outra, como ressalta Eduardo Guimarães em seus estudos.



Considerações finais

O festeiro da dança do Congo ao encenar pela língua a ancestralidade do vilabelense, o faz agenciado na língua portuguesa. Compreendemos que a relação direta palavra/sentido passa a funcionar, então, pela relação palavra/enunciação. É por isso que a etimologia das palavras, como a origem latina de *congiar* e *vur*, por exemplo, diluem-se pela enunciação ritualizada, passando a significar-se nesse acontecimento como memorável da língua africana. Os elementos destacados para a análise significam-se pela sua consistência interna, integrados ao texto do diálogo, constituindo os distintos lugares da enunciação: língua africana e língua portuguesa.

Vemos que a consistência interna de *congiar* funciona pela articulação por dependência com *gente* e *me*, respectivamente, para significar os sentidos de *averiguar/olhar*; e *vur*, pela predicação com o pronome ausente, *você*, dependente de *vai*, configura-se por sentidos de *ver*. As palavras *manopúie se escapanha mancuelo* configuram-se na estrutura da língua, por coordenação, com *sim senhor, general*, e produz sentidos de afirmação do “eu” que diz para o outro que irá observar os estranhos presentes no reino. Já *emantinada* caracteriza o substantivo “buía” para expressar sentidos de “incômodo” do secretário, referente ao barulho dos integrantes do Bamba no reino do Congo.

A partir da análise das palavras supracitadas, observamos que não há no diálogo nenhum elemento linguístico, os termos sem entrada no *português-brasileiro*, desarticulado com o sistema o qual se encontra. A



articulação desses elementos com a estrutura da língua é possível por configurar-se em um acontecimento enunciativo, a cena *ritualizada*. Ou seja, trata-se da impossibilidade dos elementos destacados para a análise funcionarem isolados da enunciação.

Em resumo, os elementos linguísticos analisados se integram ao diálogo, constituindo a unidade de significação do texto. Por essa unidade, compreendemos nesses elementos o seu funcionamento agenciado na língua portuguesa, que na ordem da enunciação ritualizada da festa alude à língua africana, configurando as relações de alocação, uma cena enunciativa, ritualizada. A língua que encena a ancestralidade do vilabelense faz funcionar distintos lugares de enunciação pela sua integração ao evento festivo da cidade.

Referências

BECHARA, Enildo, 1928 – **Moderna gramática portuguesa** / Evanildo Bechara. – 37. Ed. Ver., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Regularidade sintática**. Cad.Est.Ling., Campinas, 1(1): 7-30, Jan./Jun. 2009.

_____. Identificações do Mato Grosso: uma abordagem enunciativa. In: **Atlas do Nomes que Dizem Histórias das Cidades Brasileiras: Um**





Estudo Semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase 2). Eduardo Guimarães / Luiz Francisco Dias / Taisir Mahmudo Karim / Albano Dalla Pria (Orgs.). Campinas, SP : Pontes Editores, 2018.

FACCHINETTO, Janaína. Vila Bela Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. In **SEMINÁRIO ARTE E CIDADE** - Salvador, maio de 2006 PPG-AU - Faculdade de Arquitetura / PPG-AV - Escola de Belas Artes / PPG-LL - Instituto de Letras UFBA. Disponível em: http://www.artecidade.ufba.br/p_jaf.pdf. Acesso em: 07 mai. 2019.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto** – Procedimentos, Análises, Ensino / Eduardo Guimarães : Campinas, Editora RG, 2011.

_____.^a 1948 – **Os limites do Sentido:** um estudo histórico e enunciativo da linguagem / Eduardo Guimarães. – Campinas, SP: Pontes, 2^a edição, 2002.

_____.^b **Semântica do acontecimento:** um estudo enunciativo da designação / Eduardo Guimarães. - - Campinas, SP : Pontes, 2002.

_____. **Semântica:** enunciação e sentido. Eduardo Guimarães – Campinas, SP : Pontes Editores, 2018.

_____. Política de Línguas na Língua Brasileira: Da Abertura dos Cursos de Letras ao Estruturalismo In: **Política lingüística no Brasil**, Eni P. Orlandi (org.) / Campinas, SP : Pontes Editores, 2007.

_____. DIAS, Luis Francisco. KARIM, Taisir Mahmudo. DALLA PRIA, Albano. (Orgs.) **Atlas dos Nomes que Dizem Histórias das Cidades Brasileiras:** Um Estudo Semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase 2). Eduardo Guimarães / Luiz Francisco Dias / Taisir Mahmudo Karim / Albano Dalla Pria (Orgs.). Campinas, SP : Pontes Editores, 2018.



LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade – MT: sua fala, seus cantos** / José Leonildo Lima - - Campinas, SP: [s.n], 2000.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura Mato-grossense** : Festas de Santos e outras tradições / Roberto Loureiro. - - Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2006.

PETTER, Margarida M. Taddoni. Africanismos no Português do Brasil. In: **História das ideias linguísticas no Brasil** : construção do saber metalinguístico e da língua nacional / organizadora: Eni P. Orlandi. – Campinas, SP : Pontes; Cáceres, MT : Unemat Editora, 2001.

PÓVOAS, Lenine Campos. **Do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de letras**. Síntese de História de Mato Grosso. Cuiabá – MT – 1992. Editora Resenha Ltda. 2ª Edição.

SATURNINO. Beatriz. **Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. Governo do Estado de Mato Grosso: Secretaria de Estado de Cultura. Beatriz Saturnino – Assessoria SEC
<http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/conteudo.php?sid=54&cid=4615>.

17/07/2013. Acesso em: 20 jul. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de linguística geral** / Ferdinand de Saussure ; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye ; com a colaboração de Abert Riedlinger ; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum ; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

SILVA, Valdir Luciano Pfeifer da. **As Congadas em São Paulo** : canções, narrativas e palavras / Valdir Luciano Pfeifer da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.



SILVA, Gilian Evaristo França. **Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII**. CUIABÁ/MT, Dissertação defendida em 2008. Universidade Federal de Mato Grosso.

SILVA. Renata Nogueira. A Festa da Congada: A Tradição Ressignificada. In: **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**: Porto Seguro, Bahia, Brasil. Junho de 2008.

SOUZA, Ana Cláudia. **Sílaba fonética e sílaba linguística**, publicado na revista Working paper em Linguística, UFSC, n. 2, jul. – dez. 1998.

Mais uma festa do Congo é realizada em Vila Bela. Escrito por: TVCO. |. 24 de julho de 2018 às. 16:51. |. Postado em: Sem categoria. URL: <https://www.tvcentrooeste.com.br/mais-uma-edicao-da-festa-do-congo-e-realizada-em-vila-bela/> Acesso em agosto 2018.

ZATTAR, Neuza. **Os sentidos de liberdade dos escravos na constituição do sujeito de enunciação sustentada pelo instrumento da alforria**. Dissertação de Mestrado em Linguística. IEL, UNICAMP, 2000.